

O CONTRIBUTO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES PARA A HISTORIOGRAFIA AÇORIANA (1990 A 2016)

por
SUSANA SERPA SILVA¹

NOTA INTRODUTÓRIA

Destacar o papel desempenhado pela Universidade dos Açores, no desenvolvimento da região, é quase um lugar comum. Hoje reconhece-se – ainda que, por vezes, timidamente e sem o devido e justo ênfase –, a relevância da nossa instituição de ensino superior, tanto na formação de quadros e de profissionais qualificados, de que os Açores ainda muito carecem, como a nível da investigação e do avanço científico. Volvidos 40 anos sobre a fundação do então Instituto Universitário dos Açores, a academia açoriana, apesar das inúmeras dificuldades decorrentes de questões de natureza financeira e da própria insularidade, encontra-se consolidada, tem provas dadas e muitos dos seus docentes e investigadores são reconhecidos a nível nacional e internacional.

A multiplicidade de áreas científicas que a Universidade dos Açores já agrega, comprova a sua verdadeira universalidade e multidisciplinaridade, configurada em múltiplos ciclos de estudos e diferentes centros de investigação. Todavia, nos tempos hodiernos, os ventos sopram favoravelmente para os lados das ditas Ciências Exactas e das Tecnologias. Os recursos e os apoios financeiros são ostensivamente canalizados para determinadas áreas do saber, em detrimento de outras, enquanto a prioritária preocupação com a empre-

¹ Doutorada em História Contemporânea. Professora Auxiliar da FCSH (DHFA), da Universidade dos Açores. Investigadora integrada do CHAM-A (Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores). Por opção pessoal, não escreve em conformidade com as regras do Acordo Ortográfico.

gabilidade (real ou mítica) afasta inúmeros alunos – independentemente da vocação e do perfil – de determinadas formações de base, em particular, das Humanidades. Paradoxalmente, cada vez mais, a civilização ocidental exige uma autêntica e profunda revolução neo-humanista e, para o reconhecer, basta olhar a realidade actual, marcada pela violência, pela insatisfação permanente e conseqüente ausência ou falha de valores. Numa civilização que se tornou, e pretende ser, cada vez mais tecnicista e materialista, vergada à ditadura dos mercados e dos poderes económico e tecnológico, o ser humano foi relegado para terceiro plano, acontecendo o mesmo com as Humanidades, consideradas até quase inúteis ou desnecessárias. Será este o caminho mais correcto para percorrer? Será esta a verdadeira e única via de evolução da humanidade?

Urge que o Homem insista em conhecer-se a si próprio, em debruçar-se sobre a vida e as sociedades humanas, bem como sobre o seu passado, que se reflecte no presente e permite a progressão no futuro. O estudo da História não só potencia uma grande abrangência e domínio de conhecimentos e de temas de estudo e reflexão, como estimula o espírito crítico e de análise e contribui para o desenvolvimento da iniciativa, da autonomia, na busca pelo saber, que conduzem, no seu todo, a uma melhor e mais activa cidadania. O desenvolvimento do mundo moderno só será completo desde que não se descure as Ciências Humanas e se alimente a descoberta de nós e dos outros, quer ontem, como hoje. Só a História permite a compreensão do ADN civilizacional e cultural, e com isto, a ciência histórica torna-se fundamental para ajudar a resolver muitos dos problemas com que se confronta o Mundo, a Europa e, numa escala menor, Portugal e os Açores. As Universidades e os historiadores têm uma palavra a dizer...

No arquipélago, o desenvolvimento das Humanidades, em geral e da História, em particular, é indissociável da Universidade dos Açores que, ao longo do seu percurso, muito tem contribuído para o incremento da historiografia açoriana. Espera-se que assim se mantenha, pois trata-se de uma área que, pela sua própria História, não pode, nem merece ser minimizada. Contudo, a realidade actual revela-se muito preocupante e é urgente sensibilizar para estas vicissitudes e contingências.

Sem qualquer pretensão de efetuar uma abordagem exaustiva, este texto procura dar um pequeno contributo para uma melhor percepção da importância da Universidade dos Açores na construção e consolidação da historiografia açoriana, cuja relevância e pertinência consideramos indiscutíveis.

1. A HISTÓRIA NO ENSINO UNIVERSITÁRIO

De entre as áreas científicas que a Universidade dos Açores congrega, a História é uma das poucas que oferece, desde 2010, os três ciclos de estudo inerentes ao ensino superior: licenciatura, mestrado e doutoramento.² Esta plenitude de oferta lectiva atesta bem a solidez e consolidação desta Área científica, na academia açoriana, o peso dos centros de investigação a ela associados, bem como a qualificação dos recursos humanos que a suportam.

Nos anos 90 do século passado, o grupo, então integrado no Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais (DHFCS), chegou a contar com 15 docentes³, por entre doutorados, mestres e assistentes estagiários, assistindo-se, por isso, nessa década e na seguinte, à prestação de inúmeras Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, de Mestrado, de Doutoramento e até de Agregação, protagonizadas pelos próprios, no seu natural percurso de evolução de carreira. Esta vitalidade académica foi determinante para a construção e o enriquecimento da historiografia açoriana e, por consequência, para a consolidação da Área (ver ANEXO I). Seguiram-se, depois, muitas outras provas, prestadas já por alunos da academia, comprovando a multiplicação do saber e os avanços da própria investigação, como veremos mais adiante. Orgulhosamente, a História foi fazendo escola, cimentando um longo percurso alicerçado, desde os primeiros tempos, nas suas licenciaturas.

² Licenciatura em *História*; Mestrado em *História Insular e Atlântica (Séculos XV a XX)* e Doutoramento em *História Insular e Atlântica (Séculos XV a XX)*. Muito recentemente, a área passou a integrar um novo curso de Doutoramento, internacional e inter-universitário, sem componente lectiva e que associa as Universidades dos Açores, Madeira, Las Palmas de Gran Canaria e La Laguna: o Doutoramento em *Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico-Institucional*.

³ Artur Boavida Madeira, Avelino de Freitas de Meneses, Carlos Alberto da Costa Cordeiro, Carlos Guilherme Riley da Mota Faria, Francisco Manuel Azevedo Mendes, João Bernardes, José Damião Rodrigues, Manuel Sílvio Conde, Maria Helena Carvalho, Maria Margarida Lalandia Gonçalves, Margarida Vaz do Rego Machado, Mário Viana, Rute Dias Gregório, Susana Goulart Costa e Susana Serpa Silva. Aquando da saída, para outras instituições de ensino superior, de Francisco Mendes, Helena Carvalho e João Bernardes, chegaram a ser admitidas duas novas docentes, uma especialista em Pré-História (Marina Vieira da Silva) e outra em História Medieval (Odília Gameiro). Ambas, porém, não se mantiveram em funções por muito tempo.

Ainda na vigência do Instituto Universitário dos Açores, surgiram duas licenciaturas vocacionadas para o ensino – História e Ciências Sociais e História e Filosofia – que se destinavam, pois, à formação de professores e incluíam, por isso, um estágio integrado. Ainda hoje, muitos professores das Escolas Básicas e Secundárias dos Açores (e do continente), e até da própria academia açoriana, são licenciados em História e Ciências Sociais, pela Universidade dos Açores, podendo-se considerar – como refere Carlos Cordeiro – que esta foi uma das licenciaturas “fundadoras” da academia açoriana, funcionando, inicialmente, com aulas diurnas e nocturnas. A criação do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais (DHFCS) contribuiu, decisivamente, para a afirmação destes cursos, a que se juntou a licenciatura em História que, por oposição, se dizia vocacionada para a formação científica⁴.

Em 1996, em cumprimento do disposto no n.º 3 do art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio, após deliberação favorável do Conselho Científico e em conformidade com a Resolução n.º 1/96, de 5 de Março, do Senado Universitário, que aprovou a reestruturação da licenciatura em História, foi publicado o novo plano de estudos (Despacho n.º 132/96), já totalmente organizado por semestres e unidades de crédito⁵. Soara o toque de finados para as licenciaturas mistas, via ensino, em virtude do preenchimento dos quadros de docentes das Escolas da região e também da diminuição da procura da nossa Universidade, por parte de alunos do continente, devido à extinção do sistema de *numerus clausus*.

O novo plano, repartido por quatro anos (oito semestres), mantinha duas unidades curriculares de Pré-História, três de História Antiga, três de Metodologia e Teoria da História, duas de Paleografia e Diplomática, e de História da Arte, respectivamente e uma de Demografia. As restantes disciplinas, repartidas pelos grandes períodos Medieval, Moderno e Contemporâneo, deixam cair a delimitação por séculos e passam a designar-se por I e II, abarcando as vertentes económica e social, institucional e política e ainda cultural e das mentalidades. Além destes campos historiográficos, incluíam-se ainda a

⁴ Criada ao abrigo do Decreto n.º 53/78, de 31 de Maio.

⁵ *Diário da República*, II Série, n.º 204, 3 de Setembro de 1996, pp. 12.430 (26, 27, 28, 29).

História de Portugal e dos Açores. O leque de disciplinas optativas era bastante alargado, pois o plano previa sete opções gerais e duas específicas⁶.

A integração de unidades curriculares de “História dos Açores” (I e II), concretamente no 3.º e 4.º anos, é o testemunho bem claro de uma realidade que só se tornou possível graças ao considerável incremento da investigação em torno da história local e insular. Aos antigos cronistas, aos estudiosos e eruditos, amantes da historiografia, foram-se somando novos trabalhos e projectos, dissertações e teses, de cariz monográfico, que muito contribuíram para o aprofundamento da História dos Açores, e boa parte, graças à instituição da nossa Universidade.

Em 1997, uma nova Resolução do Senado da Universidade dos Açores, n.º 13/97/SU, aprovou a introdução de um ramo de formação educacional na licenciatura em História. Esta vocação da área não se perdera completamente e, por isso, a partir do 2.º ano do curso, passava a ser possível assegurar uma formação teórica em Ciências da Educação. Aos licenciados, com aprovação nesse conjunto de disciplinas, era facultada a candidatura a uma 2.ª etapa de formação, com a duração de um ano, e cuja conclusão conferia “a carta de curso do ramo de formação educacional da licenciatura”⁷. Ainda se propiciou a “introdução do estágio pedagógico, e respectivos seminários, na etapa complementar de formação”⁸, componente de enorme relevância para os futuros professores.

Em 2006, na sequência da entrada em vigor, em Portugal, do novo modelo de ensino superior, conhecido como Processo de Bolonha⁹, o curso de licenciatura em História teve de sofrer novas alterações, algumas delas,

⁶ Idem.

⁷ *Diário da República*, II Série, n.º 232, 7 de Outubro de 1997, pp. 12.314 e 12.315. Veja-se também, versão completa e com correcções: *Diário da República*, II Série, n.º 108, 10 de Maio de 1997.

⁸ *Diário da República*, II Série, n.º 232, 7 de Outubro de 1997, pp. 12.314.

⁹ Foi em Junho de 1999, que os Ministros da Educação de 29 países da Europa assinaram a Declaração de Bolonha, prevendo o estabelecimento, até 2010, de um Espaço Europeu de Ensino Superior, ou seja, de um espaço coerente, compatível e atractivo para os estudantes europeus e de outros continentes, que promovesse a coesão europeia através do conhecimento, da mobilidade e da empregabilidade dos diplomados de forma a assegurar uma maior afirmação da Europa no Mundo. Esta Declaração (hoje já adoptada por 45 países) viria a dar origem mais tarde ao Processo de Bolonha, que possibilitou a padronização dos siste-

aliás, transversais a outras licenciaturas, tais como, a redução do ciclo de quatro para três anos (impulsionando-se, assim, o avanço para o 2.º ciclo ou Mestrado) e o novo sistema de créditos (ECTS) que veio permitir a frequência de semestres ou anos lectivos, noutras instituições de ensino superior, nacionais e europeias.

Ao abrigo do Despacho n.º 20 658-H/2007, de 7 de Setembro, foi então publicado em *Diário da República* o regulamento e o plano de estudos, em conformidade com as disposições do Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de Fevereiro¹⁰. Além das alterações decorrentes da adequação ao Processo de Bolonha, foram definidos sete percursos, alternativos, em História, Património Cultural, Estudos Europeus e Política Internacional, Filosofia, Sociologia, Ciências da Informação e Documentação e Geografia. Assim, os dois primeiros anos constituíam um tronco comum, no qual, por imperativos que se afiguram óbvios, optou-se por reduzir o número de unidades curriculares que incidiam em períodos históricos mais recuados e voltou-se a privilegiar a limitação das disciplinas, por séculos, ou não fosse a dimensão cronológica um elemento essencial da História. No 3.º ano, os discentes passavam a ter a possibilidade de optar por um dos percursos oferecidos, sendo que, alguns deles, reflectiam a criação de novos cursos, lecionados no âmbito do DHFCS, como Património Cultural e Estudos Europeus e Política Internacional. Indissociáveis desta revolução operada no ensino superior, as novas licenciaturas, respectivamente da Área de História e de Ciência Política, indiciavam a necessidade de sugimento de ofertas inovadoras, atractivas para outros públicos, na sequência dos desafios colocados pela própria sociedade civil e como resposta ao declínio, que já se fazia sentir, na procura das licenciaturas tradicionais que as Humanidades ofereciam.

Pelo Despacho n.º 20658-I/2007, foi publicado em *Diário da República* o regulamento e o plano de estudos da licenciatura em Património Cultural, na sequência do registo n.º R/B-AD-387/2007, efectuado pela Direcção Geral do Ensino Superior, através do Despacho n.º 5505/2007 (2.ª série), de 21 de Março, a qual tinha sido aprovada pela resolução n.º SPS-56/2006, da secção

mas de ensino, o reconhecimento, mais fácil e homogéneo, das habilitações, a harmonização dos graus, a mobilidade estudantil e as consequentes alterações pedagógicas. In: <http://www.estgl.ipv.pt/faqbolonha.htm>.

¹⁰ *Diário da República*, 2.ª Série – N.º 173, 7 de Setembro de 2007, p. 26.192-(26).

permanente do Senado da Universidade dos Açores, nos termos da alínea f), do art.º 41.º, dos respectivos Estatutos¹¹. Sustentado maioritariamente na área científica de História, acrescida das áreas de Património e Antropologia e, finalmente, de Filosofia, Museologia e Ciências da Informação e Documentação, este curso pretendia ser uma lufada de ar fresco, vindo a funcionar em alternância com o curso de História.

Não muito tempo depois, a necessidade de articular as licenciaturas em História e Património Cultural, agora por questões de racionalização e razões decorrentes de dificuldades de distribuição de serviço docente, motivou alguns ajustamentos e alterações curriculares que, em nossa entender, beneficiaram mais o novo curso do que o já existente e que era a base da área científica em causa. A redução de unidades curriculares gerais (História Medieval, Moderna e Contemporânea), bem como das Histórias Medieval, Moderna e Contemporânea de Portugal e, ainda, dos Açores, ao espartilho de um semestre único, determinou consideráveis restrições de conteúdos, não obstante a integração, no tronco comum, de unidades curriculares como as “Histórias Rural e Urbana” ou a “História do Poder Local”, além das novidades introduzidas no percurso em História¹². Assim, em 2011, foi publicado em *Diário da República*, 2.ª série, n.º 177, de 14 de Setembro, o novo plano de estudos do curso de licenciatura em História que, apesar de tudo, oferecia uma nova imagem que se desejava apelativa. A um tronco comum, modificado, sucediam-se os mesmos percursos, no 3.º ano. Avolumava-se, porém, a importância do percurso em Geografia, por facultar o acesso ao Mestrado em Ensino de História e Geografia oferecido pelo Departamento de Ciências da Educação e que assegurava o acesso a uma futura carreira nas escolas, no âmbito do ensino do 3.º ciclo e do secundário. A tradicional vocação da Universidade dos Açores para a formação de professores, embora reconfigurada, nunca se perdeu total-

¹¹ *Diário da República*, 2.ª Série – N.º 173, 7 de Setembro de 2007, p. 26.192-(29).

¹² Apesar de se terem mantido as unidades curriculares de História da Europa no Mundo e de História do Quotidiano, foram introduzidas novas disciplinas, como Projecto em História, História dos Grupos Sociais, História das Revoluções, História da Cultura e das Mentalidades ou História Económica e Globalização. Exceptuando a primeira, estas, ainda que muito estimulantes, motivaram, por vezes, algumas sobreposições em relação aos conteúdos tratados nas disciplinas de cariz mais geral. Em contrapartida, unidades curriculares como História da Família ou História das Américas deixaram de ser obrigatórias, no mesmo percurso.

mente, sendo considerável o esforço – mesmo contra inúmeras contrariedades – para que se mantenham os cursos de 2.º ciclo, destinados à preparação e especialização de docentes do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e também do secundário.

Ainda em 2015, o plano de estudos da licenciatura em História voltou a sofrer novas alterações que o aproximam do de 2007, com claros ganhos para os alunos, mas motivos de natureza administrativa ainda não permitiram o seu registo e publicação – que se espera para breve – apesar de já aprovado pelos órgãos competentes da Universidade. A racionalização da oferta obrigou a uma redução do número de percursos, ditada também por força do pragmatismo.

Por último, não deixa de ser significativo o reflexo da relevância da História, para diferentes áreas de formação, através da existência de múltiplas e obrigatórias unidades curriculares de História e/ou lecionadas por historiadores, em cursos como Estudos Euro-Atlânticos (anteriormente Estudos Europeus e Política Internacional), Natureza e Património (antes, Guias da Natureza), Sociologia, Relações Públicas e Comunicação, Arquitectura, Serviço Social, Turismo e Ciências do Mar. Acresce a oferta de disciplinas optativas a que os alunos destas e de outras licenciaturas também podem ter acesso. Logo, a colaboração lectiva dos docentes de História é bem extensa e ultrapassa, naturalmente, as fronteiras dos próprios cursos, sem esquecer a leccionação em alguns Mestrados como o de Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, o de Património, Museologia e Desenvolvimento e o de Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais.

2. A HISTÓRIA FEZ A FAZ ESCOLA: A PERSISTÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO

A par dos cursos de Mestrado que acabámos de referir, encontra-se, precisamente, o de História Insular e Atlântica (Séculos XV a XX) que, desde a sua criação, pelas resoluções do Senado da Universidade dos Açores n.º SU-05 e n.º 06/95, de 14 de Fevereiro, se revelou fundamental para o incremento da historiografia açoriana. O plano de adequação publicado em 1999 dá-nos conta já de um sistema de créditos e regime semestral¹³. O número

¹³ *Diário da República*, II Série, N.º 199, 26 de Agosto de 1999, p. 12.774.

máximo de vagas era de 15 e o grande objectivo, como a própria designação denuncia, era o de promover os estudos insulares e do Atlântico, com natural primazia para os Açores¹⁴. Em 2007, após a entrada em vigor do Processo de Bolonha, o Mestrado em História viria a sofrer uma reestruturação, desde logo com uma profunda alteração dos seminários que integravam a parte lectiva, bem como com a implementação de duas Áreas de Especialização: uma em História Insular (que acabou por se impor) e outra em História Atlântica. De entre os novos seminários, contava-se o de “História dos Açores” que, a par de outros, como “As Ilhas na Construção do Atlântico”, constituíam um reforço ao natural incentivo à investigação em prol da historiografia açoriana. Já se contam mais de duas dezenas de dissertações defendidas (ver ANEXO II), apesar de algumas desistências, acrescidas por outras provas que, embora inscritas no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento¹⁵ ou no Mestrado em Relações Internacionais (actualmente sub-intitulado “O Espaço Euro-Atlântico”)¹⁶, representam igualmente um contributo para os estudos de História dos Açores.

¹⁴Do ano curricular faziam parte os seguintes seminários: 1.º semestre – “Problemáticas da História de Portugal”, “Dinâmicas da História do Atlântico”, “Questões de História Insular” e “Paleografia”; 2.º semestre – “Poderes e Instituições”, “Sociedades e Economias”, “Culturas e Mentalidades”. No 2.º ano, previa-se um “Seminário de Orientação” e, por fim, a dissertação.

¹⁵São exemplos as dissertações de: Carlos Manuel Gomes Lobão, *História, Cultura e Desenvolvimento numa Cidade Insular. A Horta entre 1853 e 1883*, defendida em 2009 (publicada pelo Núcleo Cultural da Horta, em 2010); de Sérgio Alberto Fontes Rezendes, *A Grande Guerra nos Açores: memória histórica e património militar*, defendida em 2009 (publicada pela Editora Letras Lavadas em 2014); de Sandra Maria Gonçalves Monteiro, *O Concelho da Lagoa na Génese Republicana (1910-1930): população e sociedade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2012; de Luís Filipe Nóia Gomes Vieira, *O concelho de Santa Cruz das Flores (1890-1920): entre a estagnação e o progresso*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2013.

¹⁶São exemplos as dissertações de: José Olivio Mendes Rocha, *Autoritarismo e resistência nos Açores: o papel do Delegado Especial do Governo da República nos Açores (1927-1931)*, Angra do Heroísmo, Universidade dos Açores, 2005; de Adelino de Jesus da Mota Pimentel, *Nos inícios da Guerra do Ultramar: doutrina, informação e propaganda: ecos na imprensa açoriana (1961-1965)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2013; de Paulo Jorge Medeiros Araújo, *A internacionalização dos Açores no quadro da Grande Guerra: a base naval americana em Ponta Delgada (1917-1919)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores,

O culminar de todo este processo de afirmação da área e de impulso à investigação chegaria com a criação do curso de Doutoramento, igualmente designado de História Insular e Atlântica (Séculos XV a XX), para confirmar a especificidade própria dos estudos históricos desenvolvidos na Universidade dos Açores – academia, por excelência das ilhas e do Atlântico –, para garantir a continuada face ao Mestrado e, por consequência, idênticos objetivos, embora a um nível superior, de 3.º ciclo. O número de historiadores já formados na própria academia convidava e aconselhava este passo que foi dado, com segurança, graças à sua primeira coordenadora, Prof.ª Doutora Susana Goulart Costa, fortemente apoiada pelo Catedrático da Área, Professor Doutor Avelino Meneses. Tendo sido registado pela Direção-Geral do Ensino Superior, com o n.º R/A-Cr 75/2010, o ciclo de estudos conducente ao grau de doutor em História Insular e Atlântica recebeu decisão favorável da Agência de Avaliação e Acreditação (A3ES)¹⁷ e foi publicado, em *Diário da República*, ao abrigo do Despacho reitoral n.º 15447/2010¹⁸. Do ano curricular (recentemente reestruturado), fazem parte seis seminários (3 por cada semestre), dos quais destacamos os de “História dos Açores” e de “História do Atlântico”.

Infelizmente, as limitações do meio e da procura impedem o regular e sucessivo funcionamento dos cursos de 2.º e 3.º ciclos, pelo que o número de edições é menor ao dos anos em que os ciclos se encontram em vigor e, por consequência, ainda se contam poucas teses de doutoramento defendidas, apesar de se encontrarem, neste momento, duas a aguardar provas públicas e outras mais em fase de escrita. Até esta data, coube ao Doutor Sérgio Alberto Fontes Rezendes, a primazia de defender a primeira tese deste curso doutoral, a 3 de fevereiro do corrente ano, com o título *Receios, privações e miséria num ambiente de prevenção armada: ecos da II Guerra Mundial nos Açores*¹⁹.

2016. Além destes casos, entre 2008 e 2009, foram defendidas na Universidade dos Açores, no âmbito do Mestrado em História Militar — resultante de um Convénio com a Academia Militar — várias dissertações que, todavia, não concorreram directamente a favor da historiografia açoriana, por abordarem problemáticas transversais à História de Portugal, propriamente dita. Cf. *Arquipélago-História*, 2.ª série, Universidade dos Açores, vol. XIII, 2009, pp. 311-313.

¹⁷Processo NCE/09/00082.

¹⁸*Diário da República*, II Série, N.º 199, 13 de Outubro de 2010, p. 50.632.

¹⁹Disponível no Repositório da Universidade dos Açores.

À parte do Doutoramento e no âmbito de provas académicas externas, realizadas no DHFCS, na Área de História (conhecidas, vulgarmente como Pré-Bolonha), não podemos deixar de salientar as teses defendidas, na Universidade dos Açores, em 2004, pelo Doutor Ricardo Manuel Madruga da Costa, *Os Açores em finais do regime de Capitania Geral (1800-1820)*, já publicada pelo Núcleo Cultural da Horta²⁰; em 2007²¹, pela Doutora Carmen Ponte Goujon, intitulada *Romeiros de São Miguel: entre tradition et innovation. De l'oralité au texte écrit*, em co-tutela com a Universidade de Poitiers; em 2012, pelo Doutor Duarte Manuel Gonçalves da Rosa, *Tomás Borba na História da Música Portuguesa do Século XX: Modernidade e Tolerância*, também publicada numa co-edição do Instituto Açoriano de Cultura e do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa e, finalmente, em 2013, pelo Doutor Carlos Manuel Gomes Lobão, *Uma Cidade Portuária – A Horta entre 1880-1926. Sociedade e cultura com a política em fundo*, igualmente já publicada²². Antes de todas estas, merece uma menção especial a tese apresentada, em 1994, pelo Doutor José Guilherme Reis Leite, intitulada *Política e administração nos Açores de 1890 a 1910: o 1.º movimento autonomista* e que foi publicada no ano seguinte²³.

Para além dos estudos defendidos na academia açoriana, outros mais foram apresentados noutras Universidades nacionais e por versarem temáticas inerentes à historiografia do arquipélago, não podem deixar de ser aqui referidos. Ademais, alguns dos seus autores foram ou ainda são docentes da Universidade dos Açores. São os casos das teses de Doutoramento da Doutora Maria Fernanda Enes, sobre o Liberalismo nos Açores (política e religião)²⁴,

²⁰ Ricardo Manuel Madruga da Costa, *Os Açores em finais do regime de Capitania Geral (1800-1820)*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2005, 2 vols.

²¹ Neste mesmo ano foi igualmente defendida, neste modelo, a tese de Doutoramento do Doutor Jorge Manuel de Abreu Arrimar, sobre *Macau no Primeiro Quartel de Oitocentos* e que por não ser de temática açoriana, remetemos para nota de rodapé. Todavia, impõe-se esta referência.

²² Carlos Manuel Gomes Lobão, *Uma Cidade Portuária – A Horta entre 1880-1926. Sociedade e cultura com a política em fundo*, Horta, Edição do Autor, 2014, 2 vols.

²³ *Política e administração nos Açores de 1890 a 1910: o 1.º movimento autonomista*, Ponta Delgada, Jornal de Cultura, 1995.

²⁴ *O Liberalismo nos Açores: religião e política (1800-1832)*, Lisboa, s/n, 1994. 2 vols. – Dissertação de Doutoramento em História das Ideias, área da História das Ideias Religiosas, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

do Doutor Paulo César Drumond Braga, sobre a Inquisição nos Açores²⁵, do Doutor Paulo Lopes Matos, sobre a freguesia da Ribeira Seca da ilha de S. Jorge (no âmbito da demografia histórica)²⁶, da Doutora Isabel Soares Albergaria, relativa à casa nobre da ilha de S. Miguel²⁷. Sob pena de não se poder esgotar todas as referências num trabalho desta dimensão, mas dada a sua recente defesa, aqui fica ainda uma nota sobre a tese de doutoramento de Conceição Tavares, intitulada *Do Naturalismo às Ciências Modernas nos Açores. Ensaio biográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*, apresentada em Julho de 2017, à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa²⁸.

Para além das teses, que configuram investigação original e inédita, de enorme importância para a área de História são também os Centros de Investigação a ela associados, não só por promoverem projectos científicos que muito têm contribuído para o enriquecimento da historiografia açoriana, mas também por estarem na base da organização de eventos (Colóquios, *Workshops*, Ciclos de Conferências, entre outros) dos quais, por vezes, têm resultado a publicação de actas ou livros sob coordenação de elementos das comissões científica e organizadora. Além disso, algumas teses de doutoramento foram já publicadas graças ao apoio dos referidos Centros de Investigação. Quer o extinto Centro de Estudos Gaspar Frutuoso (CEGF), quer o Centro de História de Aquém e de Além-Mar (CHAM-A) foram, de facto, no

²⁵ *A Inquisição nos Açores* [Texto policopiado]. Lisboa, s./n., 1996. – Dissertação de Doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

²⁶ *O nascimento fora do matrimónio na freguesia da Ribeira Seca da Ilha de São Jorge (Açores): 1800-1910*, Braga, s./n., 2003 – Tese de Doutoramento em História (Demografia Histórica) apresentada, em 2004, à Universidade do Minho e já publicada.

²⁷ *A casa nobre na ilha de S. Miguel: do período Filipino ao final do Antigo Regime*, Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2012, 2. vols. – Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Universidade Técnica de Lisboa. A mesma historiadora apresentou, em 1998, à Universidade Nova de Lisboa, a dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea intitulada *Quintas, jardins e parques da ilha de S. Miguel: 1785-1885*, que se encontra publicada.

²⁸ A tese insere-se no programa doutoral em História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. A mesma historiadora apresentou, em 2008, igualmente no âmbito da História das Ciências, a dissertação de Mestrado intitulada *Albert I do Mónaco, Afonso Chaves e a meteorologia nos Açores: episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico*, à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a qual se encontra publicada desde 2009.

período em apreço, protagonistas de inúmeras iniciativas de que muito beneficiou a historiografia insular.

O CEGF surgiu em 1983 como uma unidade de investigação do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais. Desde essa data e até ao seu encerramento, apesar de não ter conseguido a visibilidade e a projecção de um centro de matriz nacional ou internacional, que lhe garantissem o reconhecimento por parte da Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT), muito contribuiu para o desenvolvimento da investigação em estudos insulares e para a promoção e implementação de projetos que ajudaram a aprofundar a historiografia açoriana, enfrentando inúmeras vicissitudes e limitações, como a inexistência de verbas próprias e a escassez de financiamentos. Dele faziam parte os historiadores de carreira do DHFCS, mas com o tempo, foi integrando docentes de outras áreas, bem como alunos de mestrado. No âmbito do processo de reestruturação dos centros de investigação da Universidade dos Açores, o CEGF foi extinto em 2015 por considerarem os seus membros que não reunia condições para se afirmar enquanto estrutura autónoma de Ciência e Tecnologia. Por consequência, o seu espólio foi integrado no CHAM-A, num claro reconhecimento de que tal contribuiria para a sua valorização. Ainda assim, o CEGF teve uma longa vigência, tendo sido o seu último director o Prof. Doutor Mário Viana²⁹.

De entre os projetos que o CEGF promoveu, passamos a destacar os seguintes³⁰:

- *História da Imprensa nos Açores (séculos XIX e XX)*, desenvolvido no trénio de 2007, 2008 e 2009, com financiamento da Direcção Regional da Ciência e Tecnologia (DRCT) e cujo investigador responsável foi Carlos Alberto da Costa Cordeiro³¹;

²⁹ Consultar: <https://gasparfrutuoso.wordpress.com/projectos/>.

³⁰ Idem.

³¹ Deste projecto resultou a realização de uma Base de Dados sobre jornais açorianos do século XIX, bem como a organização do Colóquio Internacional *A História da Imprensa e a Imprensa na História. O contributo dos Açores*, realizado na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, de 28 a 31 de Maio de 2009 e do qual resultou a publicação do livro Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, coord., *A História da Imprensa e a Imprensa na História: o contributo dos Açores*, Ponta Delgada, CEGF/CEIS20, 2009.

- *História da Ilha do Faial*, desenvolvido entre 2008 e 2013, com apoio da Câmara Municipal da Horta e cujo investigador responsável foi Mário Viana³²;
- *Escravos e libertos nos Açores (séculos XV a XIX)*, desenvolvido no triénio de 2007, 2008 e 2009, com financiamento da DRCT e cuja investigadora responsável foi Rute Dias Gregório³³;
- Publicação da 2.ª Série do *Arquivo dos Açores*, cujo investigador responsável foi Mário Viana³⁴.

Este último projecto permitiu reunir, em cinco novos volumes, uma parte do núcleo documental avulso relativo aos Açores, depositado no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. A direção dos volumes pertenceu aos Professores Doutores Artur Teodoro de Matos e Avelino de Freitas de Meneses, ficando as transcrições, os sumários e os índices a cargo do Prof. Doutor Mário Viana. De acordo com os seus directores, o lançamento desta 2.ª Série do *Arquivo dos Açores* tinha como principal desiderato a

³² Deste projecto resultou a publicação de 3 volumes, dois em suporte de papel e o último em CD-rom, e que reuniram o contributo de vários historiadores, a saber: Mário Viana e José Damião Rodrigues, org., *História da Ilha do Faial. Das origens a 1833*, vol. I. *Património Histórico e Literário*, Horta, Câmara Municipal da Horta, 2008; Mário Viana e Ricardo Madruga da Costa, org., *História da Ilha do Faial. Das origens a 1833*, vol. II. *Património Cartográfico e Artístico*, Horta, Câmara Municipal da Horta, 2010; Mário Viana e Susana Goulart Costa, org., *História da Ilha do Faial. Das origens a 1833*, vol. III. *Património Arquivístico*, Horta, Câmara Municipal da Horta, 2013.

³³ Deste projeto resultou a realização de um *workshop* em 2009: *Construções de História e Escravatura: enfoques e práticas de trabalho*, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, em Outubro e, mais tarde, já com a chancela do CHAM, foi publicada a obra Margarida Vaz do Rego Machado, Rute Dias Gregório e Susana Serpa Silva, coord., *Subsídios para a História da Escravatura Insular, séculos XV a XIX*, Ponta Delgada, CHAM (Centro de História de Além-Mar), 2013.

³⁴ Entre 1999 e 2012 foram publicados 5 volumes da 2.ª Série do *Arquivo dos Açores*. O primeiro com a chancela da Direcção Regional da Cultura (DRC) e do CEGF; os segundo, terceiro e quarto com a chancela das duas anteriores entidades, acrescidas da DRCT e o último, quando minguaram os apoios, com a dupla chancela do CHAM e do CEGF.

*contribuição para o acréscimo e a renovação do conhecimento histórico insular (...), que intenta a repetição do sucesso alcançado pela iniciativa oitocentista de Ernesto do Canto*³⁵.

Desde 1999 a 2012, a Universidade dos Açores e o CEGF estiveram associados à organização de vários eventos científicos, de diferente natureza e dimensão, de entre os quais, alguns resultaram na publicação de actas/livros que, ainda hoje, perpetuam, em suporte de papel, importantes estudos relacionados com a História dos Açores e não só. Recordemos alguns encontros.

Em 1999, em parceria com a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, realizou-se o grande Congresso *Portos, Escalas e Ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, em Angra do Heroísmo e Ponta Delgada, de 11 a 18 de Abril, envolvendo inúmeros participantes³⁶. No ano seguinte, em conjunto com a Câmara Municipal de Ponta Delgada, o CEGF organizou o Colóquio *Ernesto do Canto – retratos do homem e do tempo*, que teve lugar na Universidade dos Açores, de 25 a 27 de Outubro de 2000³⁷. Entre 2000 e 2005, organizou em parceria com o Centro de História de Além-Mar (CHAM) e com a Câmara Municipal da Praia da Vitória, um colóquio anual, subordinado a temáticas da história insular e atlântica, que tinha lugar naquela cidade da ilha Terceira. Em 2006, com o apoio do Centro de Conhecimento dos Açores, da Direcção Regional da Cultura, o CEGF esteve na organização do *Colóquio Comemorativo dos 450 anos do Nascimento de D. Violante do Canto*, que decorreu em Angra do Heroísmo, a 21 de Outubro³⁸. No ano seguinte, de 2007, organizou em con-

³⁵ Artur Teodoro de Matos e Avelino de Freitas de Meneses, “Nota Prévia”, *Arquivo dos Açores*, 2.^a série, Ponta Delgada, DRC/CEGF, 1999, vol. I, p. 9.

³⁶ *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do Congresso Internacional comemorativo do regresso de Vasco da Gama a Portugal*, coordenação de Avelino de Freitas de Meneses, s.l., Universidade dos Açores/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, 2 volumes.

³⁷ *Actas do Colóquio Ernesto do Canto: retratos do homem e do tempo*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores/Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2003.

³⁸ *Violante: 450 Anos do Nascimento de D. Violante do Canto. Comunicações do Colóquio*, Angra do Heroísmo, DRC/Centro do Conhecimento dos Açores, 2007.

junto com a Assembleia Legislativa Regional, o *Colóquio Comemorativo do Bicentenário do Nascimento do Duque de Ávila e Bolama*, na cidade da Horta, no dia 9 de Março. No mesmo ano, o CEGF faria parte da organização do *Congresso Comemorativo dos 500 anos de Elevação a Vila da Actual Cidade de Ribeira Grande*, com o tema *Poder local, Cidadania e Globalização*, com a apoio da respectiva Câmara Municipal e que decorreu no Teatro Ribeira-grandense, de 1 a 3 de Outubro daquele ano³⁹.

Em 2008, vieram a realizar-se três eventos com a participação do Centro: o Colóquio *D. Carlos e a crise da Monarquia Constitucional. O fim trágico de um reinado*, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, a 21 e 22 de Fevereiro; o Colóquio *As Ilhas do Vinho*, na Madalena do Pico, de 6 a 8 de Março e que contou com o patrocínio da edilidade e a colaboração do CHAM, por fim, o Seminário Internacional *Autoritarismos, Totalitarismos e Respostas Democráticas. Ideologias, programas e práticas*, em parceria com o CEIS20, da Universidade de Coimbra e que se realizou na Ribeira Grande, de 26 a 29 de Novembro⁴⁰.

Em 2009 seria a vez do Colóquio *Das Autonomias à Autonomia e à independência: o Atlântico Político entre os Séculos XV a XX*, nas instalações da Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, de 29 a 31 de Outubro, e que contou com a colaboração do CHAM⁴¹, e em 2010, o Colóquio *Mark Twain – Um viajante inocente? No centenário da morte do escritor*, realizado, em Outubro, na cidade da Horta, no Auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional e o Colóquio alusivo ao centenário da implantação da República, intitulado *A República e as Ilhas – História e Memória*, que se realizou na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, a 15 e 16 de Dezembro.

Por último cumpre-nos destacar o Ciclo de Conferências-Debate *Os Açores e a Guerra do Ultramar. História e Memória(s), 1961-1974*, impulsionado

³⁹ *Poder Local, Cidadania e Globalização. Actas do Congresso Comemorativo dos 500 Anos da elevação da Ribeira Grande a Vila (1507-2007)*, Ribeira Grande, Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2008.

⁴⁰ Carlos Cordeiro, coord., *Autoritarismos, Totalitarismos e Respostas Democráticas. Ideologias, programas e práticas*, Coimbra / Ponta Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, 2011.

⁴¹ Avelino de Freitas de Meneses, coord., *Das Autonomias à Autonomia e à Independência: o Atlântico político entre os séculos XV e XXI*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, Edições, 2012.

pelo Prof. Doutor Carlos Cordeiro, e que se realizou, em várias sessões, ao longo de 2011 e 2012, no *campus* de Ponta Delgada, da Universidade dos Açores, já o CEGF caminhava para um forçado declínio e extinção.

Em contrapartida, o CHAM crescia em vitalidade e potencial, desde logo pelo seu nascimento como uma UI&D reconhecida pela FCT. Emergindo no limiar do século XXI, o Centro de História de Além-Mar, dedicado à investigação em torno do Espaço Português Ultramarino, no período moderno, foi fundado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Porém, pelas suas características, rapidamente se tornou num centro interuniversitário, isto é, da UNL e da Universidade dos Açores, e a este processo de associação não foi alheia a influência do Professor Doutor Artur Teodoro de Matos, um dos seus carismáticos fundadores. Gradualmente, foi-se constituindo o chamado Núcleo dos Açores, com a admissão de vários historiadores doutorados da UAc, como investigadores integrados. O primeiro responsável pelo Núcleo foi o Prof. Doutor José Damião Rodrigues, sucedido pela actual sub-directora e coordenadora do Núcleo, Prof.^a Doutora Margarida Vaz do Rego Machado. No decurso da fusão entre o CHAM e outras unidades de investigação da FCSH da UNL, ocorrida em 2013, o centro passou a designar-se como Centro de História de Aquém e de Além-Mar e, mais recentemente, por via de nova revisão estatutária, adoptou o nome de Centro de Humanidades, de modo a consolidar e garantir a sua multidisciplinaridade. O designado Núcleo dos Açores, manteve-se, contudo, como Centro de História de Além-Mar, mais propriamente CHAM-A, pelo facto de estar sediado na Universidade dos Açores. Precisamente em 2015, foi assinado um novo protocolo de colaboração entre a FCSH da UNL e a Universidade dos Açores, ao abrigo do Regulamento de Avaliação e Financiamento de Unidades de Investigação, homologado a 5 de Julho de 2013⁴².

Se a investigação do CHAM propicia uma maior abrangência temática e épocal, indissociável de uma visível e fundamental internacionalização – dado que todos os membros do CHAM-A integram os Grupos e Linhas de Investigação gerais do centro –, o contributo desta UI&D para a historiografia açoriana vai sendo cada vez mais significativo e relevante, como aliás, já referimos quanto às parcerias realizadas com o extinto CEGF.

⁴² Publicado em *Diário da República*, II Série, N.º 139, de 22 de Julho de 2013.

Além de garantir edições periódicas, o CHAM tem promovido a publicação de inúmeros livros (da autoria de investigadores da Universidade dos Açores), integrados nas suas próprias coleções e resultantes de projectos, eventos científicos ou teses⁴³. Todavia, as novas políticas editoriais do CHAM já não passam por publicações em suporte de papel, mas sim pela publicação de *e-book* e pelo registo audiovisual, que permite a disponibilização de conteúdos *on-line*, com menor dispêndio financeiro.

Desde 2010, em parceria com a Santa Casa da Misericórdia das Velas, de S. Jorge, o CHAM tem promovido diversos Colóquios, subordinados a temáticas específicas, mas integradas nas dinâmicas insulares e do mundo Atlântico, que têm proporcionado uma grande diversidade de comunicações⁴⁴. Por outro lado, nas instalações dos *campus* universitários de Ponta Delgada ou de Angra do Heroísmo, tem organizado múltiplas reuniões científicas, com grande interesse para a historiografia açoriana e também nacional. Na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, são exemplos o Colóquio Internacional *Representações de África e dos Africanos na História e Cultura – Séculos XV a XXI*, realizado de 26 a 28 de Novembro de 2009⁴⁵; o Colóquio Internacional *O Colonialismo Português na Época Contemporânea: dinâmicas e contextos*, organizado com a colaboração dos IHC (Instituto de História Contemporânea/FCSH-UNL) e do CITCEM (Universidade do Minho), que decorreu de 8 a 10 de Novembro de 2012; o Colóquio Internacional *Mar dos Açores, Mar de Portugal, Mar da Europa. Aprofundar o passado para projetar o futuro*, realizado de 27 a 29 de Novembro de 2014. No Pico da Urze, em Angra do Heroísmo, teve lugar, em 2008, por ocasião da celebração dos 474 anos da Diocese de Angra, o Colóquio *A Diocese de Angra e a Evange-*

⁴³ Vejam-se os exemplos: Rute Dias Gregório, *Terra e Fortuna. Os primórdios da Humanização da Ilha Terceira (1450?-1550)*, Ponta Delgada, CHAM (Centro de História de Além-Mar), 2007 (tese de doutoramento); Susana Serpa Silva, *Violência, Desvio e Exclusão na Sociedade Micaelense Oitocentista (1842-1910)*, Ponta Delgada, CHAM (Centro de História de Além-Mar), 2012, 2 vols. (tese de doutoramento).

⁴⁴ Susana Goulart Costa, Leonor Sampaio da Silva e Duarte Nuno Chaves, coord., *Aquém e Além de São Jorge: Memória e Visão*, São Jorge, CHAM/Misericórdia das Velas, 2014.

⁴⁵ José Damião Rodrigues e Casimiro Rodrigues, ed., *Representações de África e dos Africanos na História e Cultura – Séculos XV a XXI*, Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar, 2011.

lização *Ultramarina*, que decorreu de 3 a 4 de Novembro e, em 2015, o Colóquio Internacional *Explorar o Atlântico: fronteiras no espaço e no tempo*, organizado entre 18 e 20 de Novembro. Também na ilha Terceira, mas nas instalações do Museu de Angra, havia decorrido, por iniciativa do CHAM, de 4 a 6 de Novembro de 2010, o Colóquio Internacional *O Atlântico Revolucionário. Circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*, evocando o contexto das invasões francesas e das deportações, para os Açores, dos famosos “Deportados da Amazona”⁴⁶.

Além da promoção de conferências, o CHAM-A tem proporcionado a realização de Ciclos de Seminários, como aquele que ocorreu a 22 de Fevereiro de 2016, intitulado *A História do Atlântico Ibérico. Escravos no Atlântico Insular*, integrado no âmbito dos trabalhos do Projecto de Investigação STARACO e que teve lugar em Ponta Delgada, na Universidade dos Açores. Por outro lado, a presença do CHAM, como entidade parceira ou promotora, vai-se afirmando, cada vez mais, no meio científico e cultural açoriano, como, por exemplo, se verificou na organização das últimas edições do Colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, da responsabilidade do Núcleo Cultural da Horta, com o patrocínio da respectiva Câmara Municipal e que se realizaram, respectivamente, de 17 a 20 de Maio de 2010 e de 18 a 20 de Maio de 2014⁴⁷.

Como qualquer centro de investigação, o CHAM é sustentado também pelos projectos e publicações individuais dos seus investigadores que, naturalmente, se torna impossível elencar e analisar num texto desta natureza. Uma última referência prende-se com a recente publicação da obra *in memoriam* de Fátima Sequeira Dias, uma iniciativa editorial da Área de História e do DHFCS, que além do financiamento da DRCT, mereceu o apoio do CHAM⁴⁸.

⁴⁶ José Damião Rodrigues, coord., *O Atlântico Revolucionário. Circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*, Lisboa, CHAM – FCSH-UNL e Universidade dos Açores, 2012.

⁴⁷ Cf. *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Atas do V Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2012; *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Atas do VI Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2015.

⁴⁸ Manuel Sílvio Alves Conde, Margarida Vaz do Rego Machado e Susana Serpa Silva, coord., *Percurso da História. Estudos In Memoriam de Fátima Sequeira Dias*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2016. Pela mesma altura, foi também uma iniciativa editorial da Área de História e do DHFCS, a publicação de Manuel Sílvio Alves Conde e Susana Serpa Silva, *História*,

3. A RELEVÂNCIA DA REVISTA *ARQUIPÉLAGO – HISTÓRIA*

A uma total e inibidora ausência de apoios financeiros tem sido votada, desde 2012, a mais emblemática e tradicional publicação periódica da Universidade dos Açores: a revista *Arquipélago / Arquipélago – História*, verdadeiro rosto da Área, do saber e da investigação historiográfica, desenvolvida dentro e fora da academia e que muito contribuiu para a divulgação e afirmação da historiografia açoriana. Sinais dos tempos...

A revista remonta a 1979, quando foi dado ao prelo o primeiro número da série Ciências Humanas, a par da série Ciências da Natureza. No seu subtítulo ainda vigorava a filiação como *Revista do Instituto Universitário dos Açores*. Foram os primeiros directores, os Professores Doutores António Machado Pires e Artur Teodoro de Matos a quem se associou a Doutora Maria da Conceição Vilhena. Da História à Literatura, os contributos eram muito variados, oscilando entre os docentes da academia e docentes e investigadores de outras universidades nacionais. A série Ciências Humanas viria, porém, a terminar em 1983, com um número especial *In Memoriam* de João Teixeira Soares de Sousa⁴⁹, uma vez que o imperativo da especialização foi motivando o surgimento de outras séries, como Letras, História e Filosofia e ainda Ciências Sociais⁵⁰.

Assim, em 1985, sob a direcção dos Professores Doutores Gustavo de Fraga e José Enes, saíria o volume VII, n.º 1 e n.º 2, com o subtítulo História e Filosofia⁵¹. Todavia, no ano seguinte, ainda sob a mesma direcção, a História

Pensamento e Cultura. Estudos em Homenagem a Carlos Cordeiro, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2016.

⁴⁹ *Arquipélago*, Série Ciências Humanas, *Estudos sobre os Açores. In Memoriam de João Teixeira Soares de Sousa no I Centenário da Sua Morte*, Universidade dos Açores, Número Especial, 1983.

⁵⁰ “As duas séries com que se lançou – Ciências da Natureza e Ciências Humanas – embora recolhessem estudos específicos sobre uma variedade de temas contidos naquelas designações, não correspondiam à especialização pretendida, nem expressavam a convenientemente, além de não serem, pela generalidade dos títulos, tão facilmente permutáveis. Estas e outras razões fora levando a novas séries mais especializadas na agrupação dos temas e expressas numa designação que melhor os identificava”. “Editorial”, in *Arquipélago*, Ciências Sociais, n.º 1, Universidade dos Açores, vol. VIII, 1986, p. 9.

⁵¹ Eram membros do corpo redactorial os Doutores Alberto Vieira, Avelino Meneses, Carlos Riley, José Brandão da Luz e Victor Rodrigues.

prossegiu com uma publicação autónoma, que assim se manteve até 1989, ano em que, com o volume IX, esta série viria a terminar. Era ainda director o Professor Doutor José Enes e coordenador redactorial, o Doutor Carlos Guilherme Riley. No ano anterior, viera a público um número especial dedicado às relações Açores-Grã-Bretanha⁵², cuja comissão organizadora era composta pelos Prof. Doutores Maria da Conceição Vilhena, Francisco Carmo, Carlos Guilherme Riley, Kathleen Mundell Calado e João Paulo Pereira da Silva, testemunhando uma verdadeira e salutar cooperação, multi e interdisciplinar, resultante da amplitude do tema.

Desde a primeira hora, a *Arquipélago* procurou cumprir o desiderato da actualização e da divulgação científicas, da promoção da reflexão intelectual, do enriquecimento da vida cultural, propiciando, ainda, a aproximação entre a mais importante instituição académica dos Açores e a sociedade local. A revista tornou-se a face mais visível e regular das Humanidades e das Ciências Sociais, fazendo cumprir a enriquecedora colaboração *inter pares*, numa constante dialéctica entre a inquietação do saber e a aspiração de conhecer e aperfeiçoar ainda mais⁵³... Para a História, em particular – e que aqui destacamos – foi um importante e destacado veículo de comunicação e promoção, bem como um incentivo à investigação científica, em particular, no âmbito da História Local e Regional.

Em 1995, pela mão do novo Director, Professor Doutor Avelino Meneses, voltou ao prelo a revista *Arquipélago – História*, dando início a uma 2.^a série que se prolongou, com crescente qualidade, até 2011, ano em que foram publicados os derradeiros volumes (XIV-XV), reunidos num só exemplar, não obstante múltiplos contributos, de diferentes proveniências académicas, aguardarem por nova edição.

No termo de um longo interregno, resurge uma vez mais a revista Arquipélago – História. Este reaparecimento em dois volumes oxalá signifique a decisiva conquista de conveniente regularidade, que a consolidação dos estudos históricos na Universidade dos Açores natu-

⁵² *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores*. Número Especial 1988: *Relações Açores-Grã-Bretanha*, Ponta Delgada, 1988.

⁵³ António Manuel Bettencourt Machado Pires e Artur Teodoro de Matos, “Nota Preâmbular”, *Arquipélago*, Série Ciências Humanas, vol. I, Janeiro de 1979, p. 7.

*ralmente reclama. Neste particular, registamos com regozijo a numerosa participação de docentes do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, que manifestam resultados de projectos historiográficos normalmente em curso. Ademais, ressaltamos a grata colaboração de eminentes figures da historiografia do nosso tempo, que obviamente conferem singular relevo a esta publicação*⁵⁴.

Foram estas as palavras de abertura da 2.^a série, lavradas pelo seu director e bem elucidativas de um propósito e de uma realidade já patente na própria Universidade. Após um interregno de 16 anos, motivado por diversas vicissitudes, em boa hora foi recuperada a publicação periódica, cuja regularidade foi gradualmente conquistada. As colaborações multiplicaram-se, com inúmeros contributos externos, que atestam o prestígio da *Arquipélago – História*. Os projectos colectivos e individuais encontravam, na revista, um meio de divulgação de rigor e qualidade científica. Se os constrangimentos de ordem financeira impediram a sua concretização até aos nossos dias, não obstante, os quinze volumes da nova série testemunham – e bem – a dimensão, a riqueza e a abrangência da historiografia insular e atlântica.

Os dois primeiros volumes, publicados em memória de Maria Olímpia da Rocha Gil, dividiram-se em *Estudos Gerais* (n.º 1) e *Estudos Insulares* (n.º 2), mas posteriormente foi mantido o figurino único, excepto em 2000 com a publicação, igualmente de dois volumes, *In Memoriam de Ernesto do Canto*, um deles sub-intitulado *Estudos sobre os Canto* e o outro *História Insular e Atlântica. História Geral*⁵⁵. Nos volumes únicos era habitual a sub-divisão em “História Insular e Atlântica” e “História Geral”. Ao todo, são quatro os volumes de homenagem póstuma, configurada em justíssimos tributos a quem muito deu à historiografia açoriana. Além destes, já referidos, os condensados volumes IX-X saíram em memória de Artur Boavida Madeira (2006) e o volume XIII *in memoriam* de Sacuntala de Miranda (2009).

Ao longo da 2.^a série foram vários os docentes da Área de História que coadjuvaram a direcção da revista, responsabilizando-se até pela coordenação

⁵⁴ Avelino de Freitas de Meneses, “Nota Preambular”, *Arquipélago – História, In Memoriam Maria Olímpia da Rocha Gil*, vol. 1, *Estudos Gerais*, 2.^a Série, Universidade dos Açores, n.º I, 1995, p. 7.

⁵⁵ 2.^a Série, 2000, vol. IV, n.º 1 e n.º 2.

de volumes. José Damião Rodrigues, Artur Boavida Madeira, Mário Viana, Susana Serpa Silva, Susana Goulart Costa, Ricardo Madruga da Costa, Odília Gameiro, Margarida Vaz do Rego Machado, Carlos Cordeiro, Rute Dias Gregório... Deixamos propositadamente para o fim o nome da Professora Doutora Rute Gregório que, pelo esforço e dedicação em relação à revista, veio a tornar-se sua Directora Adjunta, a partir de 2007. A ela se devem notáveis diligências para fazer da *Arquipélago – História* uma revista com arbitragem científica, conferindo assim maior rigor e injeção à publicação de estudos. Os volumes XI-XII, XIII e XIV-XV contaram já com um vasto quadro de consultores filiados em Universidades nacionais, estrangeiras (Las Palmas de Gran Canaria e Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre – Brasil) e da própria Universidade dos Açores.

Além de artigos originais, da edição de fontes e da organização de *dossiê*s temáticos, a revista publicava recensões críticas e, desde o volume II, passou a manter a rubrica “Notícias”, em que dava conta da realização de provas académicas ou de eventos científicos realizados na Universidade dos Açores ou noutros espaços, mas por iniciativa da Área de História, do DHFCS e dos Centros de Investigação (CEGF e CHAM).

A *Arquipélago – História* ocupa um lugar de excelência no âmbito da designada historiografia açoriana, não podendo, de modo algum, ser ignorada por quem se dedica à investigação e ao estudo da História Insular e Atlântica, com especial relevo para o arquipélago dos Açores. Importantes ferramentas de consulta são os índices onomásticos e didascálicos, elaborados em 2001 e 2003, integrados na própria revista, mas também publicados em separata e que permitem, respectivamente, uma visão geral de parte da 2.^a série (1995-2001) e de toda a 1.^a série, incluindo, este último, um índice cronológico da própria publicação⁵⁶. Resta-nos deixar aqui o repto para que se publique – algures – o índice correspondente aos anos de 2002 a 2011.

⁵⁶ José Avelino Rocha dos Santos, “Índices da Arquipélago-História. Revista da Universidade dos Açores – 2.^a Série – 1995-2001, volumes I a V”, in *Arquipélago-História*, 2.^a Série, Universidade dos Açores, vol. V, 2001, pp. 801-835; Susana Serpa Silva, “Índices da Arquipélago – Ciências Humanas, História e Filosofia e História – 1.^a série – 1979/1989”, in *Arquipélago-História*, 2.^a Série, Universidade dos Açores, vol. VII, 2003, pp. 331-384.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta breve passagem pelo percurso da História na Universidade dos Açores, não nos ocorre melhor forma de concluir, do que recorrer às palavras do Professor Catedrático da Área:

Nos Açores, em 1976, a criação da Universidade corresponde ao acréscimo e à melhoria da investigação, que já possuía uma tradição de relevo, sob o estímulo das sociedades e dos institutos científicos e culturais, mas também por iniciativa de muitos particulares de maior notoriedade. No âmbito da História, o resultado consistiu, então, na renovação dos métodos e na multiplicação dos estudos, que conferiram maior propriedade à individualização de uma historiografia açoriana, naturalmente correlacionada com a produção portuguesa, sobretudo mais aberta à dimensão atlântica, e sempre alicerçada numa vivência de mais de meio milénio em ambiente substancialmente diverso da matriz continental⁵⁷.

Creio não restarem dúvidas, no que toca à região, quanto à dialéctica entre a evolução da História e da investigação histórica e a criação da Universidade dos Açores. Se a História foi uma das ciências pioneiras da nossa instituição de ensino superior, a Universidade permitiu à História adquirir e consolidar os seus foros de cidadania académica. Muito especialmente numa vertente em particular: a da historiografia insular e atlântica, que muito concorre para a construção do perfil único da UAc.

Infelizmente, desde a viragem para o século XXI, a diminuição do quadro de docentes tem sido um flagelo para a Área, na medida em que apesar das inúmeras saídas, por diferentes motivos (reformas, mudança de instituição, entre outros), não tem havido abertura de vagas que permita compensar as ausências definitivas ou (supostamente) temporárias (longas comissões de serviço). Tal situação, aliás observada noutras áreas científicas, deve-se, fundamentalmente, ao sub-financiamento do ensino superior, por parte de suces-

⁵⁷ Avelino de Freitas de Meneses, “Apresentação”, in Mário Viana e José Damião Rodrigues, org., *História da Ilha do Faial. Das origens a 1833*, Câmara Municipal da Horta, 2008, vol. 1, p. 11.

sivos governos e ao facto da UAc se ver obrigada a cumprir actualmente um Plano de Recuperação Financeira, para equilibrar as suas contas deficitárias há muitos anos. Tais restrições financeiras acabam por impedir o reforço do pessoal docente, como seria desejável e a manutenção da oferta lectiva só é possível através de uma sobrecarga de aulas – demasiado pesada – sobre os professores, que vêm, assim, mitigada a hipótese de desenvolverem mais investigação. Perdem os investigadores, perde a academia, perde a própria região...

Se por um lado, a não exigência de contratações, por parte da A3ES, espelha a robustez de qualificações do corpo docente; por outro lado, persistindo a actual situação poderá ficar comprometida a plenitude da oferta lectiva da área. Na actualidade, o corpo docente está reduzido a 9 elementos⁵⁸, dos quais, dois se encontram fora, em comissão de serviço. É pois, notável, a resiliência e dedicação dos que se mantêm em funções lectivas, com horários semanais acima dos limites estipulados pelo Estatuto da Carreira Docente Universitária (ECDU), mas felizmente com o apoio de docentes externos convidados, nos termos do ECDU, e de alguns bolseiros, contractados à hora letiva, como prevê o respectivo estatuto. Estes contributos têm sido um acréscimo inestimável e, de entre todos, não podemos deixar de destacar os casos dos Professores Doutores Carlos Cordeiro e Ricardo Madruga da Costa que, a título gracioso, continuam a emprestar o seu saber e estudo à Área de História, na Universidade dos Açores.

Por tudo isto, e sem descurar a relevância do passado, a área de História tem os olhos postos no futuro... Com a reestruturação da Universidade, organizada por Faculdades desde 2016, os antigos Departamentos foram reconfigurados e integrados nas novas unidades orgânicas, desaparecendo o DHFCS para dar lugar ao Departamento de História, Filosofia e Artes e ao Departamento de Sociologia. O objectivo é o de consolidar estas sub-unidades, bem como as respectivas áreas científicas – e até promover a expensão de outras, como as Artes –, pelo que se espera que o grupo de História venha a integrar, a curto ou médio prazos, mais um ou dois docentes de carreira e assegure o

⁵⁸ Avelino de Freitas de Meneses (em comissão de serviço), Carlos Guilherme Riley, Maria Margarida Landa Gonçalves, Maria Isabel Albergaria, Margarida Vaz do Rego Machado, Mário Viana, Rute Dias Gregório, Susana Goulart Costa (em comissão de serviço) e Susana Serpa Silva.

contributo de docentes contratados a termo, que possam vir enriquecer, com as suas experiências e visões, à área, os cursos e a academia.

Finalmente, para que prossiga o desenvolvimento das Humanidades, urge que as autoridades competentes⁵⁹ tenham o arrojo e o discernimento de voltar a investir nestas Áreas, proporcionando a abertura de concursos para projectos de investigação (como na época áurea de 2007, 2008 e 2009) que, afinal, nem carecem de verbas milionárias, como acontece noutras situações. São montantes relativamente pouco avultados de que necessita também a revista *Arquipélago – História*, para a sua revitalização, mesmo que publicada em formato mais inovador e *on-line*. Com pouco pode-se fazer muito, desde que haja vontade e determinação...

⁵⁹ Infelizmente, nos Açores, as práticas de mecenato são irrelevantes, dados os contornos da nossa sociedade e a fragilidade do tecido empresarial. As associações, os institutos culturais e outras entidades afins debatem-se também com inúmeras dificuldades.

ANEXO I

DISSERTAÇÕES, TESES E RELATÓRIOS DE PROVAS DE AGREGAÇÃO APRESENTADOS POR DOCENTES DA ÁREA DE HISTÓRIA À UNIVERSIDADE DOS AÇORES (1980-2007)

Ano da defesa	Provas	Docente / Historiador	Título da Dissertação, Tese ou Relatório
1980	Doutoramento	Artur Teodoro de Matos	<i>Transportes e comunicações em Portugal, Açores e Aadeira, 1750-1850</i>
1985	PAPCC	Maria Fernanda Enes	<i>A Reforma Tridentina e a religião vivida nos Açores, 1580-1750</i>
1985	PAPCC	Avelino de Freitas de Meneses	<i>Os Açores e o Domínio Filipino (150-1590): A resistência terceirense e as implicações da conquista espanhola</i>
1985	PAPCC	Vitor Gaspar Rodrigues	<i>A Geografia Eleitoral dos Açores de 1852 a 1884</i>
1985	PAPCC	Alberto Vieira	<i>O Comércio Inter-insular nos Séculos XV e XVI (Canárias, Madeira, Açores): alguns elementos para o seu estudo</i>
1986	PAPCC	António dos Santos Pereira	<i>A Ilha de São Jorge (séculos XV-XVIII): contribuição para o seu estudo</i>
1987	PAPCC	Margarida Sá Nogueira Lalandia Gonçalves	<i>A admissão aos Mosteiros de Clarissas na Ilha de S. Miguel (séculos VI-XVII)</i>
1990	PAPCC	Carlos Cordeiro	<i>Insularidade e Continentalidade: os Açores e as Contradições da Regeneração (1850-1870)</i>
1992	PAPCC	Margarida Vaz do Rego Machado	<i>Produções agrícolas e abastecimento local. S. Miguel – 1766-1806</i>
1992	Doutoramento	Avelino de Freitas de Meneses	<i>Instituições e Economia nos Açores, 1740-1770</i>
1992	PAPCC	José Damião Rodrigues	<i>Poder municipal e oligarquias urbanas: Ponta Delgada no século XVII</i>
1993	Doutoramento	Maria de Fátima Sequeira Dias	<i>Uma estratégia de sucesso numa economia periférica: a Casa Bensaúde e os Açores, 1800-1873</i>
1995	PAPCC	Susana Goulart Costa	<i>O Pico (séculos XV-XVIII): contributo para o estudo de uma ilha “com pouca história”</i>
1995	Doutoramento	Margarida Sá Nogueira Lalandia Gonçalves	<i>A sociedade micaelense do século XVII: estruturas e comportamentos</i>
1995	PAPCC	Francisco de Azevedo Mendes	<i>Crédito, moeda e fiscalidade em Ponta Delgada (1766-1800)</i>

Ano da defesa	Provas	Docente / Historiador	Título da Dissertação, Tese ou Relatório
1997	PAPCC	Artur Boavida Madeira	<i>População e emigração nos Açores (1766-1820)</i>
1997	Agregação	Avelino Meneses	Relatório: História dos Açores I. Lição: <i>Dos Açores aos Confins do Brasil: as motivações da colonização açoriana de Santa Catarina em meados de setecentos</i>
1997	PAPCC	Susana Serpa Silva	<i>Criminalidade e Justiça na Comarca de Ponta Delgada: uma abordagem com base nos processos penais (1830-1841)</i>
1998	PAPCC	Rute Dias Gregório	<i>Pêro Anes do Canto – um Homem e um Património (1473-1556)</i>
1998	Doutoramento	Carlos Cordeiro	<i>Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República</i>
2001	Doutoramento	Margarida Vaz do Rego Machado	<i>Uma Fortuna do Antigo Regime: a Casa Comercial de Nicolau Maria Raposo do Amaral</i>
2001	Doutoramento	José Damião Rodrigues	<i>São Miguel no Século XVIII: casa, família e mecanismos de poder</i>
2003	Agregação	Maria de Fátima Sequeira Dias	Relatório: História Económica e Social Lição: <i>Ascensão e declínio de uma cultura agrícola na ilha de S. Miguel, arquipélago dos Açores: o ananás (dos finais do século XIX aos inícios do século XXI).</i>
2004	Doutoramento	Susana Goulart Costa	<i>Viver e Morrer Religiosamente – Ilha de S. Miguel – Século XVIII</i>
2005	Agregação	Carlos Cordeiro	Relatório: História dos Açores, com <i>Apêndice Cronológico</i> Lição: <i>O Processo de Implantação da União Nacional nos Açores (1930-1935)</i>
2006	Doutoramento	Rute Dias Gregório	<i>Terra e Fortuna nos primórdios da ocupação da ilha Terceira (1450?-1550)</i>
2007	Doutoramento	Susana Serpa Silva	<i>Violência, Desvio e Exclusão na Sociedade Micaelense Oitocentista (1842-1910)</i>
2007	Doutoramento	Carlos Guilherme Riley	<i>Os Antigos Modernos – o Liberalismo nos Açores: uma abordagem geracional</i>

Nota: Agradece-se a gentileza da colaboração dos Técnicos-Superiores do Serviço de Documentação da Universidade dos Açores, Dr. Fernando Ribeiro e Dr.^a Maria de Lurdes Rocha, na recolha de muitos destes elementos.

ANEXO II

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM HISTÓRIA INSULAR E ATLÂNTICA
(SÉCULOS XV A XX) DEFENDIDAS NA UNIVERSIDADE NOS AÇORES
(2000 A 2016)

Ano da defesa	Mestre	Título da dissertação	Orientador(a)
2000	Maria de Fátima Senra Estrela	<i>O Banco Micaelense: 1912-1979</i>	Fátima Sequeira Dias
2000	Maria Luciana Lisboa Ananias	<i>(Es)paços do Concelho em tempo de mudança. Ponta Delgada: 1800-1834</i>	Avelino Meneses
2000	José Augusto Gregório Grave	<i>Os Açores na Segunda Guerra Mundial: a visão interna</i>	Luís Andrade
2001	José Avelino Rocha dos Santos	<i>O Município de Angra nas Vésperas do Liberalismo (1810-1820)</i>	Avelino Meneses
2001	Cláudia de Jesus Medeiros Santos	<i>Os Barões de Fonte Bela (1785-1894): um percurso de notabilidade na sociedade micaelense</i>	Fátima Sequeira Dias
2001	Albertino José Ribeiro Monteiro	<i>A Mortalidade do Concelho de Ponta Delgada no primeiro quartel do século XX</i>	Gilberta Rocha
2003	Rosa Zulmira Seabra de Carvalho	<i>Liberalismo e Contra-Revolução 1800-1834 – O caso de Nicolau Maria Raposo do Amaral</i>	Carlos Cordeiro
2003	João Luís Andrade de Medeiros	<i>A Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo – Funcionamento e Património (das origens a meados do século XVIII)</i>	Avelino Meneses
2005	José Joaquim Ferreira Machado	<i>A Administração Municipal de Ponta Delgada nos primórdios da Autonomia (1896-1910)</i>	Avelino Meneses Carlos Cordeiro
2006	Isolina Júlia dos Reis de Medeiros	<i>Revista Pedagógica (1906-1916). A Modernidade do Pensamento Pedagógico em S. Miguel nos inícios do Século XX</i>	Carlos Cordeiro
2006	José António Simões Freire	<i>O Porto de Ponta Delgada e o Comércio de S. Miguel: 1700-1720</i>	Avelino Meneses
2007	Carlos António de Vargas Melo	<i>A Escola do Magistério Primário da Horta no Estado Novo – 1945 a 1974</i>	José Damião Rodrigues
2007	Catarina Pacheco Teixeira	<i>Aristides Moreira da Mota: da luta pela autonomia à “morte” para a política (1855-1908)</i>	Carlos Cordeiro

Ano da defesa	Mestre	Título da dissertação	Orientador(a)
2007	José Manuel Salgado Martins	<i>Os Açores, a Guerra e as Propostas Reformistas de Francisco Borges da Silva nos Finais do Antigo Regime</i>	José Damião Rodrigues
2008	Luiz Nilton Corrêa	<i>A Emigração Micaelense para a República Dominicana em 1940</i>	Carlos Cordeiro
2008	Leandro Adelino Andrade Cardoso Ávila	<i>O Liceu de Angra do Heroísmo: de Nacional a Central. Percurso da instituição liceal terceirense de 1915 a 1933</i>	Carlos Cordeiro
2009	Ana Catarina Abrantes Garcia	<i>O Porto de Angra no Século XVIII e o sistema portuário do Atlântico</i>	José Damião Rodrigues
2009	Maria de Fátima Salvador Machado Gomes Nunes	<i>A instrução primária na ilha Terceira (1850-1880): entre a multiplicidade de projectos e a indagação da realidade</i>	Carlos Cordeiro
2012	Ana Isabel de Medeiros Ledo Fialho	<i>A Pequena Criminalidade na Comarca de Ponta Delgada. Uma análise judicial e social (1910-1920)</i>	Susana Serpa Silva
2012	Maria da Graça Oliveira Henrique Medeiros Delfim	<i>O património do convento de S. João de Ponta Delgada no século XVII</i>	Rute Dias Gregório
2012	Ana Cristina Moscatel Pereira Viveiros	<i>Desamortização e Venda de Bens Nacionais: o exemplo da ilha de S. Miguel (1832-1848)</i>	Carlos Cordeiro
2012	N'zinga Katiamela Machado de Oliveira	<i>Os Portos na Ilha de S. Miguel (Séculos XVI-XIX)</i>	Mário Viana
2014	Maria Margarida Martins Franco de Medeiros	<i>O Governo Civil de Ponta Delgada na década de 1880. A sua ação política, social e económica</i>	Carlos Cordeiro
2015	Luis Jaime do Couto Linhares de Deus	<i>Cultura política, actores e discursos nos alvares do Liberalismo: revistar a revolução de 1821 nos Açores</i>	José Damião Rodrigues
2016	Vitor Emanuel Tavares dos Reis	<i>Os Investimentos Públicos em São Miguel no último quartel do século XIX</i>	Susana Serpa Silva
2016	Bruna Travassos Valério	<i>Transação Interna de Bens, segundo os Cartórios Notariais de Ponta Delgada, 1650-1656</i>	Margarida Vaz do Rego Machado e Rute Gregório